



**MULHERES
VIAJANTES**

MULHERES VIAJANTES

SÓNIA
SERRANO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I V

ÍNDICE

Preâmbulo	9
-----------	---

PRIMEIRA PARTE

A invenção da viagem	15
A mulher e a viagem	25
A mulher e a escrita	37
Os perigos	47
<i>Segurança</i>	47
<i>Saúde</i>	56
<i>Higiene</i>	59
<i>A roupa</i>	62
<i>A comida</i>	69
A logística da viagem	75
<i>O transporte</i>	82
<i>A dormida</i>	88
Viajantes — porquê estas?	91

SEGUNDA PARTE

As pioneiras	95
<i>Egéria</i>	96
<i>Mencia de Calderón</i>	101
<i>Catalina de Erauso</i>	105
Paixões orientais	117
<i>Lady Mary Wortley Montagu</i>	119
<i>Lady Hester Lucy Stanhope</i>	133

© 2014, Sónia Serrano
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Mulheres Viajantes*
Autora: Sónia Serrano
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2014
ISBN 978-989-671-231-0
Depósito Legal n.º 381 011/14

<i>Jane Dieulafoy</i>	156
<i>Gertrude Bell</i>	166
<i>Freya Stark</i>	185
<i>Outras mulheres no Médio Oriente</i>	203
No coração das trevas	211
<i>Mary Kingsley</i>	216
<i>Karen Blixen</i>	227
À volta do mundo	241
<i>Jeanne Baret</i>	246
<i>Ida Laura Pfeiffer</i>	254
<i>Isabella Bird</i>	265
As viagens interiores	275
<i>Isabelle Eberhardt</i>	275
<i>Annemarie Schwarzenbach</i>	284
Contemporâneas	297
<i>Jan Morris</i>	299
<i>Dervla Murphy</i>	307
<i>Alexandra Lucas Coelho</i>	316
Notas	329
Bibliografia	337

PREÂMBULO

Este livro nasce de imagens. Em concreto, de imagens que não chegaram a ser vistas.

Em Fevereiro de 2010 participei, juntamente com Emília Tavares, na curadoria de uma exposição que mostrava o trabalho fotográfico de Annemarie Schwarzenbach¹. Esta jovem suíça, morta aos 34 anos em plena Segunda Guerra Mundial, notoriamente desconhecida, tinha vindo a adquirir uma popularidade marginal e quase secreta no domínio da literatura de viagens.

No trabalho de pesquisa que o projecto de curadoria envolveu, procurámos contextualizar a época da autora e perceber até que ponto as viagens que ela fez nos anos 30 e princípios dos 40 do século xx eram extraordinárias para uma mulher ou poderiam ser consideradas relativamente comuns num determinado contexto social.

Até que ponto poderia ser excepcional duas mulheres arrancam num Ford Roadster de Genebra até Cabul, completamente sós e sem guias, como fizeram Annemarie e Ella Maillart em 1939? No século XXI, por exemplo, é possível que tal empreendimento fosse considerado um feito, devido não só à instabilidade política e ao clima de guerra que se vive no Afeganistão², mas também ao facto de, hoje em dia, viajar se ter tornado uma proeza que eleva as mulheres que se aventuram em jornadas fora do âmbito padronizável da segurança e do conforto turísticos à categoria de audaciosas heroínas. Voltarei a este assunto mais tarde, mas é assombroso constatar que a questão do género e da suposta fragilidade feminina tenha hoje

mais importância do que em épocas anteriores, quando a discriminação de género era mais evidente e notória.

Desde os tempos mais recuados da história, as mulheres sempre viajaram, fosse a sós, acompanhando pais, maridos, em peregrinação, missão, pesquisa ou simplesmente pelo simples prazer de viajar. E deixaram testemunho disso.

Mas se o leitor pensar, antes de ter lido este livro, em quantas mulheres viajantes conhece ou quantos livros de viagem leu escritos por mulheres, provavelmente falhará qualquer teste de cultura geral nesta área. Talvez já tenha ouvido falar de Gertrude Bell ou quicá de Alexandra David Néel, mas não saberá situar exactamente os seus feitos ou a sua obra. Decerto já ouviu falar de Lawrence da Arábia, desconhecendo porém que Gertrude Bell foi colega dele, uma perita em política do Médio Oriente e uma das pessoas que ajudaram a constituir o Estado do Iraque, para além de ter sido a primeira directora do Museu Nacional de Bagdad. Em vida, a sua importância como conselheira da política britânica naquela região do Médio Oriente terá certamente excedido a de T. E. Lawrence, mas o papel de herói romântico, celebrizado no notável filme de David Lean, caberá ao aventureiro Lawrence e não à laboriosa mas discreta Gertrude.

Talvez tenha ouvido falar, também, do admirável explorador, escritor, tradutor, em suma, desse erudito aventureiro que foi Richard Burton, o primeiro não muçulmano a entrar na cidade de Meca e o homem que deu a conhecer à Inglaterra vitoriana uma excelente e não censurada tradução dos contos orientais das *Mil e Uma Noites*, mas o nome da sua mulher provavelmente nada lhe dirá. No entanto, Lady Isabel Burton acompanhou-o em múltiplas aventuras e também ela escreveu narrativas de viagem.

Foi essa uma das razões pelas quais, e agora voltando novamente à exposição, pensámos incluir um núcleo dedicado a mulheres viajantes contemporâneas de Schwarzenbach ou cuja obra ela conhecesse.

Contrariamente ao expectável, a selecção não resultou particularmente difícil. No século XIX, as mulheres começaram a viajar com alguma intensidade e a partir da década de 1930 essa tendência reforçou-se. É de supor que Schwarzenbach tenha conhecido a obra de algumas destas mulheres, nalguns casos porque faz referência a isso nos seus artigos jornalísticos, noutros porque as conheceu pessoalmente, como foi o caso de Ella Maillart ou da alemã Margret Boveri, com quem esteve em Portugal.

Razões diversas, no entanto, acabaram por não permitir a constituição desse núcleo que, embora muito embrionário, já começava a desenhar-se, senão nas paredes do museu, pelo menos na nossa imaginação e, sobretudo, na nossa vontade.

Foi essa vontade que me levou a escrever este livro.

PRIMEIRA PARTE



A INVENÇÃO DA VIAGEM

É possível a viagem? É possível ainda a viagem? A pergunta pode soar bizarra numa era em que se expandiram as possibilidades de deslocação e se democratizaram os meios de transporte. Em que é possível apanhar um voo intercontinental *low cost* e ir de Londres a Kuala Lumpur por um preço irrisório. As possibilidades de viagem multiplicaram-se exponencialmente. Mas de que falamos quando falamos de viagem?

Segundo Agustina, «se mudar de lugar é uma coisa cada vez mais possível em condições de dia para dia mais indiscutíveis, viajar, propriamente vai-se tornando raro. O que é viajar? Começa uma pessoa por temer o conflito com a sua rotina, e isso é já atmosfera moral duma viagem.»¹

Lévi-Strauss é categórico ao anunciar o «fim das viagens»² — ou, mais concretamente, do viajar enquanto experiência profunda e transformadora. Não é por acaso que o seu mais célebre livro, *Tristes Trópicos*, começa com a frase «Odeio as viagens e os exploradores»³, para depois admitir que vai justamente relatar as suas expedições. Mas Lévi-Strauss tem razão ao vaticinar o fim da viagem: o turismo de massas e a homogeneização global tornaram essa experiência impossível. Ou não. O viajante por excelência e escritor Paul Theroux admite ainda a possibilidade da grande viagem, o que não será de estranhar, se considerarmos que vive dela e do que escreve sobre ela. Aos 73 anos, e depois de passar toda a vida a viajar, Theroux ainda consegue redigir uma lista de sítios por onde gostaria de

se aventurar, apenas para concluir: «Esta lista não é exaustiva. [...] Olho para esta lista e penso: Caramba, eu não fui a lado nenhum.»⁴ O mundo é vasto, as possibilidades infindáveis para este incansável *globetrotter*.

A viagem é um assunto sério. Etimologicamente, em inglês *travel* deriva do francês *travail*, que por sua vez tem origem no termo latino *tripalium*, que designa um instrumento de tortura⁵. De facto, não é fácil viajar: na melhor das hipóteses, e mais uma vez citando Theroux, viajar significa «perder a inocência»⁶, perder o nosso conforto, as nossas referências, partir muitas vezes rumo ao desconhecido. É «uma fuga ao inalcançável — que nos obriga a assumir o desconforto e a solidão e a interromper arbitrariamente a vida a que estamos habituados num determinado lugar sem poder dar uma explicação racional»⁷.

Partir com o coração leve na visão de *flâneur* baudelairiana? Ou nostalgia do absoluto? Fuga para que as coisas mudem, como pensava esse imenso viajante que foi Nicolas Bouvier? Ou algo que nos vai penetrando quase insidiosamente? «A viagem é a intimidade do importuno»⁸, afirmará Agustina.

Quanto mais sei sobre viagens, porque as fiz ou porque li relatos de quem as fez, menos sei por que se parte, o que leva alguém a deixar esse conforto aprazível, porque previsível e conhecido, do lugar que se habita, para ver com os próprios olhos outras terras. Poderá ter-se perdido algo da mística da grande viagem no mundo globalizado e cada vez mais homogêneo em que vivemos, mas quem viaja continuará decerto a reconhecer esse nervosismo que acomete o viajante na véspera da partida e o leva a novos destinos.

Talvez porque viajar é essencialmente descobrir, descobriremos a nós e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobriremos o outro sem o conforto das referências que

nos são imediatas. Mas é preciso saber ver. Clarice Lispector, essa aventureira tão avessa à viagem, escreveu numa carta de Argel: «Eu conhecia melhor uma árabe com um véu no rosto quando estava no Rio.»⁹ Clarice sabia que viajar significa também imanência, o que é impossível quando o *tour* actual oferece cinco capitais europeias em seis dias. Não que a viagem tenha de ter uma extensão determinada no tempo, pode durar vinte e quatro intensas horas ou dez homéricos anos. O que importa é o que se vê e como se vê, o processo de transformação mental que se opera e nos transforma.

O desejo de mapear nunca é inocente. Mas de onde surge?

Alguns estudiosos¹⁰ consideram que a história cultural das viagens pode ser vista como uma dialéctica dominante entre dois pólos: um que aponta para a visão transcendente das peregrinações; outro que se revela como um processo em aberto e que caracteriza a modernidade. É quanto a mim necessário resistir à tentação de esquematizar a longa história das viagens, na tradição ocidental, como a oposição entre um passado religioso e um presente puramente secular.

A viagem fundadora e de entre todas a mais conhecida da antiguidade continua a ser a Odisseia, relato mítico do regresso de Ulisses a casa, numa espécie de antevisão cristã da viagem, com os seus perigos e tentações, como via da salvação. Na tradição do neoplatonismo, Ulisses é o homem que na sua deambulação atravessa as sucessivas fases do ser. Alguns dos primeiros escritores cristãos, como Basil ou Fulgêncio, na tradição de Porfírio, discípulo de Plotino, caracterizam Ulisses como um pré-cristão que antecipa a sabedoria na sua luta pela virtude.

Se é certo que a viagem nasce da necessidade de, em concreto, nos deslocarmos de um ponto geográfico a outro, ela é vista essencialmente como algo interior, um reflexo da vida e das suas etapas. Mas as suas manifestações exteriores acompanham as condições

SÓNIA SERRANO

WEST, Vita Sackville, *Passenger to Teheran*, Londres, Tauris Parke Paperbacks, 2007.

WOLLSTONECRAFT, Mary, *A Vindication of the Rights of Man*, 1789. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/991>

WOLLSTONECRAFT, Mary, *A Vindication of the Rights of Women*, 1792. Disponível em: <http://oregonstate.edu/instruct/phl302/texts/wollstonecraft/woman-contents.html>

As traduções de livros não editados em português são da responsabilidade da autora.

MULHERES VIAJANTES

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas,
sobre papel CoralBook de 80 gramas,
no mês de Setembro de 2014.

